



## A alma dos animais: ciência e espiritismo

Carmela Ferreira Tacaná<sup>1</sup>  
Heloísa Helena Siqueira Correia<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como proposta abordar duas obras da professora Irvênia Luiza de Santis Prada, *A alma dos animais* (2018) e *A questão espiritual dos animais* (1998) para, por meio delas, refletir sobre as intertextualidades possíveis entre o discurso científico e o discurso metafísico, notadamente aquele que fundamenta o espiritismo, no que diz respeito especificamente à questão da inteligência/mente/alma dos animais. A leitura da primeira obra da pesquisadora enfoca os aspectos científicos - a respeito da comprovação de que os animais, assim como os humanos, possuem a dimensão “mente” - e metafísicos, relativos à existência do princípio espiritual/inteligente dos animais; na segunda, explora-se principalmente o primeiro capítulo, no qual consta vasta investigação das obras espíritas sobre a verdadeira natureza dos animais, em um evidente esforço da autora na construção de relações discursivas/intertextuais entre os aportes teóricos da ciência e da metafísica que fundamenta o Espiritismo. As produções em análise visam demonstrar que os animais não são movidos apenas por instintos, mas também por inteligência, no cumprimento das sucessivas etapas da jornada evolutiva, seja a propugnada pelo evolucionismo científico ou pelos pressupostos metafísicos do espiritismo. A finalidade deste exercício de reflexão é destacar criticamente os pontos de contato discursivos estabelecidos pela autora entre ciência e espiritismo, no que diz respeito à natureza dos animais. Faz-se, em seguida, uma aproximação das ideias da pesquisadora, constantes das produções analisadas, com a metafísica em que se fundamenta o espiritismo, principalmente por intermédio de *O livro dos espíritos* (2013), que compõe o pentateuco de Alan Kardec, também referido como codificação espírita. As obras de Irvênia Prada comprovam que, do ponto vista científico, os animais são seres sencientes - possuindo todos os atributos inerentes a essa condição, como inteligência, memória e capacidade de aprender. O espiritismo, por sua vez, concebe os animais categoricamente como seres de essência espiritual e tomam a inteligência como um atributo dos espíritos. A intertextualidade que

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Literários da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR e membro do grupo de pesquisa Devir-Amazônia: Literatura, Educação e Interculturalidade. [carmela.tacana@hotmail.com](mailto:carmela.tacana@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Teoria e História Literária (Unicamp), Docente do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia – UNIR e líder do Grupo de Pesquisa Devir-Amazônia: Literatura, Educação e Interculturalidade. [heloisahelenah2@hotmail.com](mailto:heloisahelenah2@hotmail.com)

se pode pontualmente identificar na leitura das obras permite perceber que ambas as posições – científica e metafísica - consideram os animais como seres inteligentes. E a partir de ambas as dimensões, portanto, desponta a necessidade da transformação ética nas relações entre os seres inteligentes e sensíveis, animais humanos e não humanos. Ciência e metafísica fornecem conhecimentos que podem vir a ser os alicerces para a transformação da conduta humana em sua relação com os animais, com efeitos equivalentes na conduta dos humanos, quer sejam cientistas ou não.

**Palavras-chave:** Animais; Alma; Inteligência; Espiritismo; Ciência.

## **Abstract**

The purpose of this article is to approach two works by professor Irvênia Luiza de Santis Prada, *A alma dos animais* (2018) and *The spiritual question of animals* (1998) to, through them, reflect on the possible intertextualities between scientific discourse and the metaphysical discourse, notably the one that underlies spiritism, with regard specifically to the question of the intelligence/mind/soul of animals. The reading of the researcher's first work focuses on the scientific aspects - regarding the proof that animals, as well as humans, have the dimension "mind" - and metaphysical, related to the existence of the spiritual/intelligent principle of animals; in the second, the first chapter is mainly explored, in which there is a vast investigation of spiritist works on the true nature of animals, in an evident effort by the author in the construction of discursive/intertextual relations between the theoretical contributions of science and the metaphysics that underlie the Spiritism. The productions under analysis aim to demonstrate that animals are not moved only by instincts, but also by intelligence, in the fulfillment of the successive stages of the evolutionary journey, whether advocated by scientific evolutionism or by the metaphysical assumptions of spiritism. The purpose of this reflection exercise is to critically highlight the discursive contact points established by the author between science and spiritism, with regard to the nature of animals. Next, the researcher's ideas, contained in the analyzed productions, are approached with the metaphysics on which spiritism is based, mainly through the book of spirits (2013), which composes the pentateuch by Alan Kardec, also referred to as spirit coding. The works of Irvênia Prada prove that, from a scientific point of view, animals are sentient beings - having all the attributes inherent to this condition, such as intelligence, memory and the ability to learn. Spiritism, in turn, categorically conceives animals as beings of spiritual essence and takes intelligence as an attribute of spirits. The intertextuality that can be punctually identified in the reading of the works allows us to perceive that both positions – scientific and metaphysical – consider animals as intelligent beings. And from both dimensions, therefore, emerges the need for ethical transformation in the relationships between intelligent and sensitive beings, human and non-human animals. Science and metaphysics provide knowledge that can become the foundations for the transformation of human behavior in its relationship with

animals, with equivalent effects on the behavior of humans, whether they are scientists or not.

**Keywords:** Animals; Soul; Intelligence; Spiritualism; Science

## **Introdução**

O presente estudo move-se por preocupações éticas e é provocado pela constatação da necessidade de discussão acadêmica a respeito de valores considerados básicos, e por que não dizer, óbvios: respeito e compaixão pelos animais. Em uma era antropocênica, eficaz em destruição e dizimação dos vivos, as mentalidades se mostram atônitas e a universidade, em boa parte do tempo, não assume seu papel de vigilância crítica. Conforme reiteraremos nesse estudo, os animais são inteligentes e sensíveis, tanto do ponto de vista científico como de determinada metafísica que ampara o espiritismo; sentem fome, dor, frio e medo, assim como nós, os outros animais. Apesar da notoriedade do argumento, trata-se de assunto controverso para a nova sociedade humana, do conhecimento globalizado no século XXI. Universidade e sociedade pouco avançaram na construção de outras práticas sociais, ecossistêmicas, que desenvolvam a responsabilidade de compartilhamento do planeta; e agora assistem ao cortejo fúnebre de milhares de animais, humanos e não humanos, intensificado na pandemia provocada pelo COVID 19 desde 2020.

O estudo proposto, ainda que breve, funda-se na investigação de intertextualidades possíveis entre o discurso científico – referente à ciência com seus postulados e métodos como a experimentação e a comprovação – e o discurso metafísico que dá forma ao Espiritismo codificado por Alan Kardec, com ênfase para o fato de que nosso maior interesse reside na interface de epistemologia e ética, reservando a questão doutrinária (e dogmática) ao segundo plano.

Com isso, pretendemos neste artigo, recuperar o trabalho da pesquisadora Irvênia Prada, sobretudo a demonstração do conceito de senciência dos animais e o reconhecimento de sua inteligência pela ciência acadêmica; e como a metafísica espírita explica a verdadeira natureza dos animais como espíritos imortais, tal como a pesquisadora demonstra<sup>3</sup>. O que nos permitirá refletir sobre o olhar dos humanos para os

---

<sup>3</sup> A autora trata indistintamente o Espiritismo como filosofia e como religião, a este exercício de reflexão, entretanto, importa particularmente a fundamentação filosófica, mais exatamente os pressupostos

animais na trajetória evolutiva, quer eles sejam guiados pela ciência ou por pressupostos metafísicos. Para iniciarmos nosso percurso, aproximemo-nos brevemente da autora e de sua trajetória como pesquisadora.

Dra. Irvênia Prada, autoridade brasileira em medicina veterinária, há mais de 50 anos se dedica ao estudo científico, à proteção, à saúde, à defesa e ao bem-estar dos animais; em 2010 iniciou formalmente o Movimento Cultural de Medicina Veterinária e Espiritualidade, na USP, cujo objetivo é o de “promover uma mudança cultural de paradigma (forma de pensamento e de conduta), para que se estabeleça uma relação harmônica de convivência entre seres humanos e seres humanos e entre seres humanos e animais”. (PRADA, 2011, p.7) Participam desse movimento todos aqueles que se interessam por valorizar as implicações metafísicas e filosóficas na medicina veterinária. Registre-se que “espiritualidade”, nesse contexto, não possui rótulo religioso, antes “compreende o conjunto de ideias e procedimentos que possibilita a transcendência do ser humano, ou seja, que viabiliza sua vivência em patamares mais elevados de sua dignidade pessoal e coletiva”. (PRADA, 2011, p.7).

A Física Quântica, em especial, ao trazer em seu bojo a abertura para o “mundo das possibilidades”, a partir de experiências não sensoriais da realidade advindas do conhecimento do universo das partículas subatômicas - que funcionam como ondas, energia, estrutura de rede - não valoriza tanto as unidades, mas prioriza os padrões das relações entre elas, distanciando-se da Física Clássica, que entende a matéria como realidade concreta. A Física Quântica prepara o caminho, por assim dizer, para a aceitação da nascente modelo “Ciência e Espiritualidade”. Trata-se de um novo paradigma epistemológico que supõe a existência de sintonias racionais, sensíveis e éticas entre ciência e espiritualidade, essas pensadas em relação, isto é, portadoras, ambas, de conhecimentos úteis para o melhoramento da vida como um todo.

De acordo com Prada (2011, p. 5), o impacto social do conhecimento das novas e menores dimensões invisíveis da matéria (ondas/energia conectada), foi o de ressaltar na coletividade humana, o desenvolvimento das conexões interpessoais que valorizam relações harmônicas entre os indivíduos que formam a “rede social”, em detrimento da

---

metafísicos que amparam a doutrina espírita, e não a doutrina tornada prática pelos espíritas. É notório que a metafísica que se encontra no *Evangelho* e no *Livro dos Espíritos* baseia-se em sistemas de pensamento metafísico da antiguidade, notadamente de Platão e Aristóteles e não se confunde com o que a modernidade ocidental compreende como ciência, sobretudo após o advento da filosofia kantiana.

competitividade e do egocentrismo. Nesse contexto, na década de 1980, Prada, então presidente da Comissão de Ética da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (USP), lança na academia a proposta de regulamentação da utilização de animais no ensino e na pesquisa, referindo-se, na recomendação, ao sofrimento mental vivenciado pelos animais. O termo “sofrimento mental” não foi aceito pela maioria da congregação acadêmica do departamento de Medicina Veterinária, sob a alegação de que tal ação é atributo apenas dos humanos, apesar de, já na década de 1960, o biólogo inglês Gregory Bateson conferir a existência da mente a todos os seres vivos. De acordo com sua concepção: “Mente é o processo cognitivo de manifestação da vida” (1991 apud PRADA, 2018, p.14), o que confere um novo sentido ao termo e dissocia-o da religião.

A autora iniciou então um trabalho na busca da aceitação do termo rejeitado, através da comprovação científica de que os animais sofrem porque têm mente. Produziu diversos estudos abrangendo a temática da senciência dos animais e a partir do conceito de Bateson, sobre as manifestações da vida como processo cognitivo, conclui que (PRADA, 2018, p.37) mesmo os seres unicelulares, como as bactérias, executam várias funções e comportamentos para manterem-se vivos, demonstrando que sabem e conseguem viver, portanto entende-se que têm atividade mental porque são sistemas vivos, ou seja, se neles é manifesta a vida, há expressão cognitiva.

Em 1997, Prada lança o livro *A alma dos animais*, que tem por objetivo demonstrar cientificamente, ao meio acadêmico, que não só humanos, como também os animais possuem “mente”. O termo alma foi utilizado no livro como tradução do latim “animus”, referindo-se à mente, psique, alma e espírito; no trabalho foram focalizados os dois primeiros sentidos, justamente para demonstrar que os animais têm, sim, a dimensão mente e psiquismo. Em 2018, há uma nova edição ampliada e atualizada da referida obra, publicada por uma nova editora, em que a autora confere uma outra personalidade ao trabalho: não utiliza apenas argumentos científicos na comprovação da senciência dos animais, acrescenta informações advindas da doutrina espírita (espiritismo) <sup>4</sup>. Dessa

---

<sup>4</sup> Espiritismo, termo cunhado em 1857, pelo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, que assumiu o pseudônimo de Alan Kardec para apresentar uma nova doutrina filosófica, que responde compreensivelmente questões clássicas da filosofia tradicional, sobretudo da metafísica (Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?) e que se baseia na existência, manifestação e no ensinamento dos espíritos. O vocábulo espiritismo foi criado para diferenciar-se do termo espiritualismo, cujo sentido é de oposição ao materialismo, na convicção de que existe algo além da matéria, como Deus e alma. O

forma, acredita desvendar a verdadeira natureza dos animais, reconhecendo que, além de sencientes, são seres espirituais em evolução “nossos companheiros de jornada na longa estrada da vida.” (PRADA, 2018, p. 5). Percebe-se, na proposta complementar da autora, motivação para o desenvolvimento uma visão não reducionista em relação aos animais, e uma vivência de paz, promovida por nós, humanos, a partir do reconhecimento de nossos companheiros não humanos. Pode-se dizer, uma vivência não focada apenas no bem-estar e no interesse dos humanos, mas visando o bem comum entre esses indivíduos que se relacionam durante a “longa estrada da vida”.

Um ano após a primeira publicação de *A alma dos animais*, em 1998, Prada publica um outro livro *A questão espiritual dos animais*, aprofundando o conteúdo a respeito da verdadeira natureza dos animais, sem deixar de lado o enfoque científico de sua pesquisa. Pela perspectiva espírita, a autora explora questões filosóficas da ética, no que toca ao sofrimento imposto aos animais pelos humanos e questões morais que visam o bem e a harmonia entre humanos e não humanos.

Os estudos de Irvênia Prada - demonstrados nas obras: “Os animais têm alma?” (1989), artigo publicado pela *Revista Comunicações Científicas da FMVZ-USP*; *A alma dos animais* (1997), primeira versão, publicada pela editora Mantiqueira; “Bases metodológicas e neurofuncionais da avaliação de ocorrência de dor/sofrimento em animais” (2002), publicado pela *Revista de Educação Continuada do CRMV/SP*; “Os animais são seres sencientes” capítulo publicado no livro *Instrumento Animal. O uso prejudicial de animais no ensino superior* (2008); *Neuroanatomia Funcional em Medicina Veterinária. Com correlações clínicas* (2014), pela editora Terra Molhada; “Animais: sua verdadeira natureza” (2017), publicado pela *Revista Internacional de Espiritismo*; *O Cérebro Triúno a serviço do Espírito* (2017), em coautoria com S. Lopes e D. Iandoli Júnior, publicado pela editora AME-Brasil; como também as obras ora analisadas neste artigo, *A questão espiritual dos animais* (1998), e *A alma dos animais* (2018), em versão ampliada e atualizada, - dentre outros trabalhos -, abrem caminhos para novas discussões a respeito do olhar dos humanos para os animais, com panorama não

---

espiritismo, como toda doutrina espiritualista, também supõe a existência de Deus e a vida após a morte, mas segue os preceitos de Alan Kardec, segundo os quais: o espírito é imortal; existem experiências fora do corpo físico; e os espíritos evoluem em planos materiais e espirituais, através de sucessivas reencarnações. Reforçamos que interessa ao nosso estudo sobretudo a fundamentação metafísica que alicerça a doutrina, e não propriamente a doutrina tomada como religião.

apenas científico, segundo o qual são seres sencientes, mas também metafísico (fundamentação do espiritismo), como seres espirituais em evolução.

### **Animal não é coisa**

Do ponto de vista do Espiritismo, os animais não são “coisas”; são seres que possuem o componente espiritual, pois possuem inteligência. Observemos a construção argumentativa de Prada, no primeiro capítulo de seu livro *A questão espiritual dos animais* (1998), que é impulsionada pela pergunta: “Os animais têm alma?”. A pesquisadora procura a resposta a esse questionamento na questão 597 do *Livro dos Espíritos*<sup>5</sup> (KARDEC, 2013, p. 285) publicado inicialmente em 1860. Há mais de cento e sessenta anos Kardec<sup>6</sup> inquiriu os espíritos a respeito da alma dos animais, iniciando sua pergunta com a afirmação de que os animais são seres inteligentes, como se lê abaixo:

LE – 597. Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria?

“Há e que sobrevive ao corpo.”

a) — Será esse princípio uma alma semelhante à do homem?

“É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus.”

---

<sup>5</sup> O livro referido é organizado em torno de perguntas e respostas sobre o universo; são mil e dezenove perguntas (elaboradas e organizadas, em 1857, por Alan Kardec) com suas respectivas respostas advindas de espíritos. Sobre os animais, no capítulo XI, do Livro dos Espíritos – LE, há a seção “Os animais e o homem”, onde estão esclarecidas questões referentes à inteligência, ao instinto, à linguagem, à alma e ao progresso espiritual dos animais.

<sup>6</sup> Kardec foi um intelectual do século XIX e aluno de Johann Heinrich Pestalozzi, teórico que incorporou o afeto à sala de aula. De acordo com o professor Marcelo Gulão Pimentel (2014, p. 82-85), na França, Kardec tornou-se pedagogo, professor e tradutor vinculado à educação e também a diversas sociedades científicas; cético, resolve investigar fenômenos espíritas e para tal utiliza o sofisticado método científico experimental. Após vinte meses de trabalho (coordenando, organizando perguntas e analisando o conteúdo das respostas dos médiuns – que só eram consideradas confiáveis após as hipóteses de alucinação e influência de outras pessoas terem sido descartadas), Kardec chegou à conclusão de que havia a possibilidade de intervenção espiritual naquelas assembleias, que ficaram conhecidas como sessões mediúnicas. Esta investigação gerou uma teoria que ficou conhecida como Espiritismo. Vale destacar que o espiritismo no Brasil, assim como a Umbanda e o Candomblé, sofreu diversos ataques de intolerância desde a sua chegada ao território nacional, na segunda metade do século XIX. O grande diferencial, entre o espiritismo e as outras tradições de fé com práticas mediúnicas, era a de que os espíritas eram predominantemente brancos e bem infiltrados na elite. Rapidamente conseguiram que o Estado brasileiro concordasse com o funcionamento dos Centros Espíritas “Kardecistas”. Houve a necessidade de marcar a diferença da “mesa branca” ou “kardecista”, da “mesa preta”, da “macumba”, e dessa forma generalizou-se outras correntes de fé espiritualistas, que sofreram, sofrem e nunca deixaram de ser perseguidas nas variadas regiões do país.

Percebe-se uma resposta direta e objetiva: “Há” (sim) nos animais um princípio inteligente e que sobrevive à morte do corpo físico. Vê-se que os animais possuem um princípio inteligente que pode ser chamado de alma. A resposta ao questionamento “a”, em sua premissa inicial, relativiza o sentido de “alma”, mas a sequência do raciocínio aponta para o entendimento de “alma” com a acepção de essência espiritual que habita tanto a matéria humana, quanto a matéria não humana - ao sugerir equivalência entre a alma dos animais e a alma dos homens: “É, porém, inferior à do homem.” Sobre a inferioridade apontada em relação à alma dos animais, será esclarecido mais à frente, que na perspectiva do processo evolutivo, os seres humanos encontram-se em estágio mais avançado de elaboração, com relação aos animais; o que não significa superioridade moral ou ética.

Segundo a autora, o fato de os animais, por muitos séculos e ainda atualmente, serem tratados como coisas, não inteligentes, insensíveis e sem alma, é mais uma face de determinado plano de poder, em que dominadores subjugam os dominados:

De fato, até o século VI as mulheres foram consideradas sem alma imortal, conceito que somente foi revertido no Concílio de Macon, da Igreja Católica, no ano de 585, na Gália (hoje território francês). Também há pouco mais de cem anos, no Brasil e noutros países nos quais vigia a escravidão de seres humanos, igualmente não se admitia a existência de alma para os escravos, indigna manobra que a religião institucionalizada adotara para conviver com essa barbaridade. Diga-se de passagem, para vergonha nossa, o Brasil foi o último país escravocrata a abolir esse comportamento. Então, tidos como sem alma, mulheres e escravos eram subjugados e explorados ao arbítrio dos poderosos. (PRADA, 2018, p. 8).

Diante disso, a autora lança a reflexão questionadora: até quando será negado aos animais, assim como fora às mulheres e aos negros, o direito a uma vida digna e sem sofrimentos? (PRADA, 2018, p. 8).

Na trajetória evolutiva da humanidade, assegura Yuval Noah Harari (2017 apud PRADA, 2018, p. 10-11), o homem foi se tornando o centro das relações e alguns animais passaram a ser domesticados para fornecerem alimento, matéria prima e força muscular para suprir as necessidades humanas. Dessa forma, galinhas, vacas, porcos e ovelhas tornaram-se cada vez mais explorados e subjugados. A relação de proximidade entre esses animais e o homem, do ponto de vista evolutivo, foi benéfica no sentido do aumento dessas espécies, que foram difundidas pelo mundo, além da criação de laços de afetos;



mas em contraponto, são abatidas precocemente, sendo consideradas, por Harari (2017), as criaturas mais miseráveis da criação doméstica. São submetidas a práticas cruéis na repressão de seus instintos naturais, de seus laços sociais e de sua liberdade.

Desde o século passado, a indústria da carne passou a coisificar seres vivos denominando-os como “proteína animal”. Este parâmetro despreza o nível de sofisticação metabólica, neurológica e fisiológica dos animais, sua capacidade de sofrimento e de dor, negando-os inclusive em seu componente espiritual.

Um projeto de mundo pacífico passa pelas escolhas soberanas que fazemos na nossa alimentação. Concordamos aqui com a tese defendida por vegetarianos e veganos de que a construção de uma cultura de paz passa pelo fim da crueldade, da dor e do sofrimento imposto aos animais.

Além do abate industrial, há variadas formas de imposição de sofrimentos a animais, como é o caso das cobaias em pesquisas de laboratórios, do uso de animais nas apresentações em espetáculos e em esportes como o hipismo.

Sobre a prática esportiva hipismo, vale evidenciar, como complemento da análise, que toda atividade que envolve montaria e condução animal é baseada em dor e sofrimento. Destaco aqui, informações embasadas na obra *The Horse Crucified and Risen*, do russo Alexandre Nevzorov (2011), ex-cavaleiro, que deixou de montar em 2008 após extensa investigação, em parceria com Lydia Nevzorova, que demonstrou o sofrimento dos cavalos nas atividades equestres. Tais informações foram amplamente difundidas nas redes sociais - por ocasião das Olimpíadas de Tóquio 2020 que foram realizadas em 2021.

Ao competir, o cavalo é mantido sob rédeas curtas, pela pressão do bridão (freio que aperta a língua, bate no céu da boca, nos dentes, na gengiva e em terminações nervosas; assim o animal obedece, pois sente muita dor) para manter a postura não natural de pescoço flexionado. É nítida a expressão de dor dos equinos, que cotidianamente usam nas suas línguas instrumentos de tortura, que as deixam deformadas. A língua presa pelo bridão dificulta a deglutição da saliva e a garganta fica seca, então o aparelho digestório é estimulado a produzir suco gástrico, que são as espumas brancas presentes nas bocas dos cavalos durante as competições. O animal atleta não humano não escolhe competir, portanto, entende-se que a prática do hipismo não é esporte; e sim, tortura e escravidão. Esse é o pensamento defendido por parte dos defensores dos animais.

Considerar os animais sem alma, mente e inteligência, desconsiderando os seus sofrimentos e suas dores é uma forma vergonhosa de justificar as suas existências apenas para servir ao *antropos*; pode-se dizer, uma manobra para camuflar a maldade humana, refugiada na negação das potencialidades desses companheiros de jornada. Infelizmente essa é uma estratégia que vem sendo utilizada há centenas de anos e que em pleno século 21 permanece em prática nas sociedades civilizadas.

### **A senciência dos animais**

Aproximando sensibilidade e cognição, sentimento e inteligência dos animais, Prada se posiciona demonstrando, a partir de pesquisas, uma nova compreensão da senciência dos animais:

Felizmente, nas últimas décadas, centenas de pesquisas na área acadêmica da moderna Biologia e da Etologia têm demonstrado que os animais são seres sencientes (do latim *sentiens*: que sente). E para sentir precisam ser inteligentes, pois é necessário que haja processamento cognitivo do estímulo e interpretação de sua natureza, para que se possa “diagnosticar” se a situação é favorável ou adversa. Em outras palavras, o sentir é resultado de uma função cognitiva. (PRADA, 2018, p. 14).

Partindo das afirmações do trecho acima, de que a ciência vem demonstrando que os animais são seres sensíveis, dotados de capacidade mental e de inteligência, retomaremos a expressão “sofrimento mental”, refutada na academia pelo julgamento cartesiano antropocêntrico de que somente os humanos possuem tal atributo. Sobre esse aspecto, Prada (2018, p. 38) esclarece que, em Neurologia, são distintos os conceitos de dor e de sofrimento. Quem sofre, necessariamente não sente dor; da mesma forma que quem sente dor, pode não ter sofrimento psicológico. Enquanto dor é uma experiência sensorial e emocional desagradável, advinda de uma lesão; há no sofrimento manifestações particulares e sentimentais. Na obra analisada, a autora resgata o provérbio “gato escaldado tem medo de água fria” para exemplificar o sofrimento mental de um animal. O gato, ao ser brutalmente violentado com água fervente, passa por uma experiência traumática de dor, ao sentir seu corpo queimado! Essa vivência sofrível é armazenada em sua mente, de forma que, quando lhe jogam água fria, sofre mentalmente

por antecipação, por associar a experiência atual ao trauma anterior. Se os animais não tivessem memória, atributo da mente, não sofreriam, apenas sentiriam a dor física.

Prada (2018, p. 38 - 39) relata a terrível experiência do psiquiatra Dr. Harlow no Zoológico de Madison, EUA, com filhotes de macacos *rhesus*, expostos de forma profunda a sofrimentos mentais, o que comprovou a dimensão mente, psique e psiquismo desses animais. Os filhotes eram separados de suas mães quando nasciam e em seguida trancados com mães artificiais (espécies de bonecos com aparência de macacos), em locais chamados poços do desespero ou masmorras. Ao final de trinta dias os macacos apresentavam comportamentos atípicos, aparentando extrema tristeza e apatia, sendo classificados pelo pesquisador, na conclusão de seu experimento, como loucos, pelo resto de suas vidas. Tal conclusão se deu a partir de sua visão dualista, em que mente e cérebro são compreendidos como entidades independentes, sendo a mente de ordem abstrata e o cérebro, assim como o corpo físico, de ordem material. As agressões mentais sofridas pelos macacos não afetaram seus cérebros, que permaneceram com suas estruturas saudáveis, apenas expressaram o conteúdo de suas mentes, o sofrimento que gerou a loucura.

Por outro lado, na neurociência, há outra corrente de pensamento, a dos unicistas ou monistas materialistas, que defendem a hipótese de que as ocorrências mentais não passam de manifestações naturais do metabolismo cerebral. Então para os monistas, os macacos do experimento estavam apenas manifestando fenômenos naturais decorrentes da atividade cerebral. Mas, questiona a autora, se não sofreram injúrias cerebrais, por que suas mentes se desorganizaram a ponto de serem catalogados como loucos? (PRADA, 2018, p. 40). Os animais, portanto, possuem estruturas mental e cerebral, a primeira para a vivência de emoções e a segunda que, através do sistema límbico, trabalha com a expressão do comportamento emocional. A ciência, nesse sentido, vem demonstrando que a mente é um processo cognitivo de expressão da vida e não é um atributo apenas dos humanos.

Através de extensa pesquisa bibliográfica no âmbito da capacidade intelectual de vários animais, Prada demonstra que pesquisadores renomados, reconhecidos internacionalmente “apresentam evidências de que os animais também têm sentimentos de toda ordem e interação afetivamente com os seres humanos” (PRADA, 2018, p. 15). Continua a autora: “Os autores propõem que esse conhecimento seja a base de uma nova

forma de respeito, consideração e proteção dos direitos daqueles que são tão parecidos conosco” (PRADA, 2018, p. 16). A professora está se referindo a autores como Jeffrey M. Masson e Susan McCarthy, autores do livro *Quando os Elefantes Choram. A Vida Emocional dos Animais* (1997); W. Penfield em *O Mistério da Mente. Um estudo crítico sobre a consciência e o cérebro humano* (1983); Steven Rose em *O Cérebro Consciente* (1984) e R. Fouts e S. Mills em *O parente mais próximo. O que os chimpanzés me ensinaram sobre quem somos* (1998).

Destaca-se que em *A alma dos animais* (2018) a pesquisadora dedica um capítulo para registrar suas investigações a respeito do cérebro e do sistema nervoso; e outro capítulo para os estudos dos transdutores cerebrais: “caminhos” por onde transitam informações entre a realidade física (do cérebro) e a realidade metafísica (da mente). O cérebro e o sistema nervoso, de forma integrada, agem no papel de instrumentos de manifestação da mente, levando em conta que o sistema nervoso dos mamíferos é estruturado segundo o mesmo modelo arquitetônico, embora apresentem diferenças funcionais e fisiológicas de acordo com cada espécie.

Assim, fica demonstrado metodologicamente pela autora que a ciência considera os animais como seres inteligentes, possuidores da dimensão “mente”. Mas ela não cessa sua pesquisa nesse ponto, em seguida esclarecerá que o Espiritismo, no mesmo caminho, acrescenta que só há manifestação de inteligência onde há a presença de espíritos, como veremos a seguir.

### **A natureza dos animais**

Sobre a natureza dos animais foi demonstrado nos tópicos anteriores que os animais, assim como os humanos, possuem mente/inteligência (aspecto científico) e espírito/inteligência (aspecto metafísico). Prada, embasada na doutrina espírita, reitera que os animais possuem um princípio inteligente, que pode ser chamado de alma e que sobrevive à morte do corpo físico. Para fortalecer esse entendimento, em *A alma dos animais* (2018) a autora utiliza outras questões do *Livro dos espíritos* (2013) que versam sobre espírito e inteligência: “LE. 24: Espírito é sinônimo de Inteligência? Resposta: A Inteligência é um atributo essencial do Espírito (...); LE. 76 – Como podemos definir os Espíritos? Resposta: Podemos dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da criação

(...)”. (PRADA, 2018, p. 21). A autora registra essas referências, advindas dos ensinamentos de Kardec sobre inteligência e espíritos, e em seguida conclui: “o princípio inteligente ou espírito sempre se expressa mediante atos de inteligência, da mesma forma que podemos entender que atos de inteligência são sempre emanados de princípios inteligentes ou de espíritos (...)”. (PRADA, 2018, p. 21). Dessa forma, parece claro e ponto pacífico para a professora Irvênia Prada, que os animais são seres espirituais, assim como os humanos. Podemos perceber nas questões 24 e 76 registradas acima, que o termo espírito é usado pela metafísica que fundamenta o Espiritismo de forma genérica, assim deduz-se que tanto os animais humanos como os não humanos são formados a partir do mesmo princípio inteligente, ambos são seres da criação divina e possuem alma.

A estudiosa avança o conhecimento sobre a natureza dos animais e, alicerçada no *Livro dos espíritos* (2013), reitera a verdadeira natureza do ser em relação aos dois princípios: espiritual e material: “O conceito que nos transmite a codificação espírita é claro, segundo o que lemos no LE. 85 – Qual dos dois, o mundo espiritual ou o mundo corpóreo é o principal na ordem das coisas? Resposta – O mundo espiritual. Ele preexiste e sobrevive a tudo.” (PRADA, 2018, p. 21). Diante dessa questão, fica evidente a essencialidade do plano espiritual em relação ao material, segundo o modo de pensar do espiritismo.

Em suma, segundo os pressupostos metafísicos da doutrina espírita, os animais são seres espirituais da criação divina e há, neles, um princípio inteligente, entendido também como princípio espiritual, que é independente da matéria; são categoricamente seres de essência espiritual e a inteligência é um atributo dos espíritos. Para além, o elemento espiritual que forma os seres da criação é superior e preexistente à matéria orgânica. Assim, a verdadeira natureza do ser é a espiritual, segundo o que foi demonstrado por Irvênia Prada nas obras abordadas.

### **Companheiros de jornada evolutiva**

Prada se refere aos animais como “nossos companheiros de jornada”, acreditamos que inspirada na compaixão pelos animais defendida por Cairbar Schutel (2011), um grande divulgador do Espiritismo, que há mais de cem anos, época em que pouco se falava na misericórdia pelos animais, já difundia tais ideias. Nascido no Rio de Janeiro em 1868,

além de político e escritor, foi um reconhecido filantropo brasileiro. Em 1924 escreveu a obra *Gênese da Alma: O Transformismo e a Evolução Anímica*, em que postula:

Vós que vedes luzes nestas letras que traçam a estrada da Evolução Espiritual... tende compaixão dos pobres animais! Sede bons para com eles, como desejais que o Pai celestial vos cerque de carinho e de amor! Não encerreis os pássaros em gaiolas... Renunciai às caçadas... Tratai bem os vossos animais, limpai-os, curai-os, alimentai-os fartamente, dai-hes [sic] descanso e folga no serviço! Acariciai os vossos cães, dai-lhes remédios na enfermidade e repouso na velhice! Lembrai-vos de que os animais são seres vivos que sentem, que se cansa [sic] que têm força limitada e, finalmente, que pensam... Sede benevolentes para com eles... **os animais são vossos companheiros de existência terrestre**; como vós, eles vieram progredir, estudar, aprender! Sede seus anjos tutelares... sede benevolentes para com eles, como é benevolente, para com todos, o nosso Pai que está nos céus! (SCHUTEL, 2011 apud PRADA, 2018, p. 75, grifo nosso).

É evidente a enorme empatia demonstrada pelo autor, no início do século passado, em favor do bem-estar dos animais. Tristemente, nas luzes do século 21, há ainda que se lutar muito pela conscientização das pessoas sobre o direito dos animais e por sua proteção. Independente da adesão, movida pela explicação científica ou pela metafísica que serve de sustentáculo ao Espiritismo, trata-se, agora, de assumir a senciência dos animais de uma vez por todas, ainda que a questão da alma permaneça polêmica e assunto para discussões científicas, metafísicas e religiosas.

A estudiosa considera também importantes os conceitos de reencarnação e evolução dos animais contidos na codificação espírita: “A ideia de um processo evolutivo contínuo dos seres permeia toda a obra espírita, haja vista os conceitos e informações que constam de muitas publicações, como nos exemplos a seguir: O Livro dos Espíritos – LE. 599; 601 (os animais reencarnam e evoluem).” (PRADA, 2018. p. 20)

Seguindo o mesmo raciocínio, não será demais afirmar que os animais, em escalada evolutiva espiritual, passam lições éticas preciosas à humanidade como de amizade, lealdade, amor, companheirismo, alegria, proteção e apoio. E o que recebem em troca? Muitas vezes ingratidão e desrespeito; são usados, abusados e esgotados. Se a perspectiva de tal consideração é possível, entretanto, outras também o são. Paralelamente, é preciso enfatizar, os animais seguem seu percurso evolutivo tal como as teorias evolucionistas propugnam, em velozes e lentos processos de mutação biológica e comportamental que

proporcionam sua sobrevivência ao longo do tempo e, ao contrário de nossa consideração acima, seriam despossuídos de moral ou ética.

O paralelismo sobre o qual refletimos encontra no trabalho de Prada polêmicos pontos de intersecção que permitem variadas leituras, é o que se pode notar, por exemplo, quando a estudiosa apresenta a seguinte explicação sobre a inteligência dos homens e dos animais:

(...) o processo evolutivo se confirma de tal forma que, nos seres humanos, pode-se notar o resultado de uma “elaboração” que os diferencia dos outros animais. Isso em absoluto não significa que somos “outra coisa”, que tenhamos outra essência ou outra natureza, pois o fato de estarmos em estágio mais avançado de elaboração, no processo evolutivo, não modifica as características de nossa origem.

Em uma leitura possível, inferimos que os animais humanos não são superiores aos animais não humanos no sentido de serem uma categoria augusta; e sim, na acepção de “elaboração”. Conforme o trecho transcrito acima, na perspectiva do processo evolutivo, os seres humanos encontram-se em estágio mais avançado de elaboração, com relação aos animais. A passagem transcrita, entretanto, nada diz em relação à hierarquia ética ou moral dos seres, humanos e não humanos. Outros há que lerão a explicação da pesquisadora como se a diferença inscrita biologicamente no humano e manifesta em sua “elaboração, fosse a tradução de sua superioridade ética e moral. Como mencionado anteriormente, polêmicas circundam a questão a que nos dedicamos a refletir.

À vista disso, entretanto, mantenha-se o paralelismo, com episódios de encontro, ou defenda-se uma intersecção direta entre ciência e metafísica, o pensamento de vertente opressora que considera os animais como “coisas” está em dissonância com a ciência, com a metafísica espírita e também com o ponto de vista jurídico, que avança no sentido da afirmação dos direitos dos animais. Já há uma pálida mobilização do Congresso Nacional para elevação da compreensão da legislação brasileira sobre o tratamento dos animais não humanos. Vale destacar, que em 2018, o senado brasileiro aprovou o projeto de lei que determina que “animal não é coisa” (PLC 27/2018), reconhecendo que são seres sencientes, dotados de natureza biológica e emocional e passíveis de sofrimento. Salienta-se que por se tratar de um projeto, não houve, até o momento, mudança na legislação, podendo ainda tal projeto de lei, ser vetado pelo presidente da república.

Vale observar que as reflexões lançadas aqui, em favor dos animais, esforçam-se na indicação de caminhos para uma vivência mais harmônica entre humanos e não humanos, e para isso, não é preciso destruir as fronteiras entre ciência e metafísica, assim como também, não é preciso defendê-las a todo custo.

### **Considerações finais**

Nosso breve estudo permitiu a constatação de que é recente, no Brasil, a aceitação do termo “mente” em relação aos animais. Na década de 80, a maioria da congregação acadêmica de medicina veterinária da Universidade de São Paulo – USP, ainda não reconhecia o sofrimento mental dos animais.

Dra. Irvênia Prada demonstrou cientificamente que os animais possuem a dimensão “mente”, que sofrem porque são seres sencientes e com base no Espiritismo, a pesquisadora acredita ter evidenciado a verdadeira natureza dos animais, anunciando que além de possuírem inteligência, são seres espirituais em evolução, nossos companheiros de jornada. Tais evidências foram constatadas pelo método científico adotado pela autora em suas pesquisas, a ciência comprovou a senciência dos animais: são inteligentes, têm memória e capacidade de aprender; e a metafísica espírita, por sua vez, considera que os animais são seres inteligentes da criação.

Conforme enfatizamos, os animais possuem alma no sentido latino de “anima” (vida) e também de “animus” (mente, psique, psiquismo, alma e espírito), não são “coisas”, como nos permitem compreender respectivamente as epistemes construídas pela ciência (que investiga a dimensão física da existência) e pela metafísica (que investiga o que está além da física).

Percebe-se que o reconhecimento da “inteligência” animal é comum à visão espírita e científica. A ciência que estuda o comportamento dos animais (etologia) afirma, dentre outras coisas, que a inteligência corresponde a todos os atos em que há uma relação de causa e efeito, como por exemplo, a capacidade dos animais em resolver problemas. Tal habilidade é uma propriedade da inteligência, sendo que os animais mais primitivos possuem inteligência. Assim, tanto para a teoria espírita como para a ciência acadêmica existe o conceito de que todo ser vivo é um ser inteligente.

A busca de conhecimentos sobre os animais nos traz respostas que demandam reflexões filosóficas e científicas a respeito do sentido desses conhecimentos nas nossas



vivências - e o desafio, ético por excelência, de vivenciar relações em que haja proporcionalidade entre princípios, meios e fins, o que assegurará que o outro não se torne apenas um meio.

## **Referências**

GULÃO, Marcelo. **O método de Alan Kardec para investigação dos fenômenos mediúnicos (1854 – 1869)**. Dissertação (Mestrado em Saúde) – Universidade federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jsui/bitstream/ufjf/513/1/marcelogulaopimentel.pdf>. Acesso em: 23 de julho de 2021.

KARDEC, Alan. **O livro dos Espíritos**. Trad. Guillon Ribeiro. Ed. 131º. Rio de Janeiro: FEB, 2013.

PRADA, Irvênia. **A questão espiritual dos animais**. São Paulo: FE Editora Jornalística Ltda., 1998

PRADA, Irvênia. **Medicina Veterinária e Espiritualidade**. MEDVESP - Medicina Veterinária e Espiritualidade FMVZ-USP. São Paulo, 2011.

PRADA, Irvênia. **A Alma dos Animais**. Matão (SP): Casa Editora O Clarim, 2018. E-book Kindle.